

*Para o caso específico do ensino da Antropologia, no México, se restringe, apenas, ao que é produzido na Grã-Bretanha, França e nos Estados Unidos independentemente da produção científica de outras latitudes. O mesmo se aplica à produção editorial: livros quase todos estrangeiros de Antropologia, traduzidos no México vêm desses três países e quase todos os antropólogos mexicanos que têm doutorado no exterior obtiveram em um desses países. [...]*

*Se nós discutimos até agora “cover ciência” nos países latino-americanos, devemos também notar que há, em alguns “grandes” autores do “mundo da ciência”, uma tendência para projetar suas próprias teorias sobre realidades sociais de fora.*

**Johannes Maerk**

# “Ciência Cover” em ciências humanas e sociais na América Latina

## *“Science Cover” in Humanities and social sciences in Latin America*

JOHANNES MAERK\*

TRADUÇÃO: PROFESSORA DOUTORA HELENICE PEREIRA SARDENBERG<sup>1</sup>

### Resumo

Este pequeno ensaio trata de analisar o porquê de haver uma longa tradição nas ciências humanas e sociais na América Latina de importar, indiscriminadamente, teorias e conceitos dos países do Norte. Chamamos “Ciência Cover” a atitude de copiar os conceitos estranhos à realidade social latino-americana. Ao mesmo tempo, há esforços importantes de elaboração própria, como a teoria da dependência, a sociologia da exploração e o conceito de “imperialismo interno”, que apontam para uma autêntica construção latino-americana de conhecimento.

**Palavras-chave:** Ciência Cover. América Latina. Teoria da independência. Sociologia da exploração. Imperialismo interno.

### Abstract

This small essay tries to analyze why there is a long tradition in Latin American humanities and social sciences to import theories and concepts from the countries of the North. I call “cover science” an attitude of importing ideas and concepts from other regions and of applying them indiscriminately to local social realities. At the same time, there are important efforts of authentic Latin American knowledge construction such as dependency theory, the sociology of exploitation or the concept of “internal imperialism”.

**Keywords:** Science cover. Latin America. Theory of independence. Sociology of exploration. Internal imperialism.

---

\* Doutorado em Filosofia Política y Social - University of Innsbruck, Pós-Doutorado pela Universidad Autónoma de México (UNAM). Director - Ideaz Institute for Intercultural and Comparative Research, Universidade de Viena, Áustria. Email: [johannes.maerk@ideaz-institute.com](mailto:johannes.maerk@ideaz-institute.com)

<sup>1</sup> Doutora em Serviço Social (UERJ), Pós-Doutorado em História Política pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Pesquisadora UERJ/NUCLEAS. Email: [helenice.sardenberg@lasalle.org.br](mailto:helenice.sardenberg@lasalle.org.br)

*Se você olhar para a forma como fazemos pesquisa teórica, estamos repetindo as mesmas orientações de sempre de como fazê-la, a começar por perguntar o que disse Habermas, o que disse Tony Giddens... E eu acho muito bom, não acreditem que não quero que leiam Tony ou Habermas ... Mas o que eu quero dizer é que estamos partindo de um teórico da metafísica do qual não podemos nos livrar, claro, e seria o primeiro ponto de partida de uma pesquisa teórica séria... (CASANOVA, 1994, p. 280)*

O “cover” está na moda no México e, mais genericamente, na América Latina. Como os “covers” da música nos anos 60 (quando Alberto Vazquez ou Cesar Costa cantavam canções de Elvis Presley ou de Paul Anka em espanhol, ou o grupo de rock “Three Souls in My Mind”, de Alex Lora, que interpretava canções em Inglês). Da mesma forma, hoje, o “cover” continua nas ciências humanas e sociais – e creio que não só lá.

Há uma longa tradição nos países latino-americanos de importação de ideias e conceitos de outros lugares e de aplicação indiscriminada na realidade social da América Latina. Ou seja, os pesquisadores sociais “copiam” ou melhor, vão “matando” teorias, conceitos e métodos de outros, não importa que sejam esses aplicáveis ou não ao seu tema. José Gaos chamou essa situação epistemológica de “imperialismo das categorias”, ou seja, categorias nativas que tiveram origem na cultura europeia, sem tipificar o processo histórico, econômico, social e filosófico latino-americano, sem receber modificações e adaptações necessárias. (VILLEGAS, 1985, p. 94-95)

Gostaria de convidar economistas mexicanos para visitarem o Bairro de Tepito, na Cidade do México, para perceberem que o comerciante tepiteño (como outros de seus colegas no continente) não se encaixam no conceito de razão (Zweckrationalität) de mercado (Kaufmann) de Max Weber. A economia tepiteña (semelhante a muitas outras formas de economia latino-americana) é baseada em uma rede social de “amigos” e de razão “emocional”. Em vez de investir os lucros, esses comerciantes querem apreciar e desfrutar de festas, mulheres, novos carros ou de joias. Está claro que os economistas que entendem de suas obras, de suas especialidades sendo escritas apenas em inglês, nunca irão entender as características específicas da economia latino-americana.

Pergunta um europeu, por que tudo isso? A resposta é simples: eu vim à América Latina para aprender e conhecer outras formas e conceitos de vida, outras mentalidades e costumes. E, de fato, tenho encontrado novos hábitos nos bairros, vilas e nas grandes cidades. Infelizmente, esta grande variedade e riqueza não ensejam reflexão intelectual nos pesquisadores do continente europeu sobre a realidade social latino-americana. Cai-se na armadilha de “universalizar” conhecimentos locais, de supostos “grandes autores”: Max Weber analisa e descreve o burocrata do velho continente, Joseph Schumpeter

descreve e analisa o capitalismo europeu inovador (especialmente em Inglês), Jürgen Habermas o desenvolvimento da sociedade (especialmente alemã), e Pierre Bourdieu discute a França do século XIX e XX. Em vez de reconhecer a singularidade de cada uma dessas teorias, na América Latina, há uma tendência a acreditar que, em cada capitalista latino-americano, há um capitalista no mesmo estilo que Schumpeter ou Weber; ou que a relação entre os setores público e privado no México ou no Brasil possuem situação semelhante à situação alemã segundo Habermas. Esses são apenas alguns exemplos de uma tendência geral (pelo menos nas Ciências Sociais e Humanas) para traduzir conceitos e teorias exóticas fora da Espanha, na América Latina.

Quais poderiam ser as causas deste “contrabando de ideias” dos chamados centros de conhecimento (especialmente a Europa e os Estados Unidos) para o continente latino-americano? No meu ponto de vista, podemos mencionar, pelo menos, quatro razões:

1. Os escolásticos dominavam a América Latina, no século XVII, enquanto, na Europa, esse pensamento medieval já tinha sido substituído pelo empirismo inglês (Locke, Hume) e pelo racionalismo francês (Descartes). Assim, o “Discurso do Método”, de Descartes, que foi publicado na França em 1637, foi revelado no Novo Mundo mais de um século mais tarde e, no México, o tribunal da Santa Inquisição foi abolido, apenas, em 1862. (CEREJIDO, 1997, p. 111)

2. Tendo sido alcançada a independência latinoamericana, foram a universidade escolástica e pontifícia, no século XIX, marginalizadas e a filosofia positivista de Comte tornou-se o “guia espiritual” da América Latina – as fórmulas básicas da filosofia comtiana como “ordem e progresso” estão contidas, até hoje, na bandeira brasileira. O sistema da “universidade napoleônica” foi importado com as seguintes características: a descentralização do ensino superior, isso é, a sua organização em faculdades que não são necessariamente as universidades; erradicação da teologia e o culto às novas instituições jurídicas e econômicas do sistema capitalista em desenvolvimento; a separação nítida entre pesquisa e ensino; o ensino como tarefa específica da universidade, e a tarefa de pesquisa, tornando-se exclusiva dos institutos de investigação autônomas, como, por exemplo, l’Institut de France, criado por Napoleão I. (MICHELANA; SONNTAG, 1984, p. 21-22)

Enquanto na Europa a filosofia positivista se contrapunha intelectual e espiritualmente ao desenvolvimento de procedimentos técnicos e industriais, na América Latina, faltava impulso para o mesmo processo, fazendo com que o positivismo se tornasse a receita para a ação prática. Assim, a relação entre a realidade científica e a realidade empírica foi invertida: a experiência teve que se adaptar à ciência. Muitas das lutas políticas da segunda metade do século XIX, nos países latino-americanos, podem ser explicadas a partir deste fato. A derrubada do imperador Pedro II, no Brasil, pelos positivistas;

o sentido das leis anticlericais, acentuadamente, Juárez e Lerdo, no México, e até mesmo a Constituição mexicana, de 1857, foram tentativas de adaptar a realidade social latinoamericana à política e à filosofia da França. (STEGGER, 1974, p. 92)

3. Nos anos sessenta do século XX, no âmbito da Aliança para o Progresso lançada pelo então presidente dos EUA, John F. Kennedy, se tentou neutralizar o impacto da Revolução Cubana na juventude universitária da América Latina através do reforço da investigação científica, da construção de laboratórios, do equipamento das bibliotecas e da departamentalização das universidades. Tratava-se, como diz o pesquisador argentino Oteiza, de “uma reforma concebida fora da região”. (CEREJIDO, 1997, p. 113)

4. Atualmente, a política científica das organizações internacionais, como o Banco Mundial e outras agências de cooperação internacional, ao contrário da Aliança para o Progresso, apontam, principalmente, para se

*[...] reduzir o compromisso do Estado com a universidade pública, reduzir os recursos e para estimular a expansão da cobertura com orientação de profissionais do setor privado, localizados, de forma inequívoca, no mercado e acriticamente orientados para preservar o status quo da estrutura de poder [...], favorecendo a proliferação de universidades privadas. (Ibidem)*

Claro que houve e há intenções, na América Latina, de se construir conhecimento próprio sobre a realidade social do continente. Tal é o caso da teoria da dependência, da sociologia da exploração, do modelo centro-periferia e do conceito de “imperialismo interno”, que eram muito influentes nos anos setenta e que ensaiaram a “substituição de importações no plano teórico-interpretativo”. (VALENZUELA, 1994, p. 73) No entanto, com Hugo Zemelman (1994), se pode perguntar por que tão rapidamente abandonaram as teorias da própria América Latina. A resposta não é simples. Ruy Mauro Marini, um dos grandes pensadores da teoria da dependência, chega à seguinte conclusão:

*A América Latina não pode desenvolver o pensamento reflexivo, crítico, sobre si mesma. Da mesma forma como consomem produtos feitos por fabricantes europeus, latinoamericanos também irão consumir as ideias geradas através do Atlântico. Em grande medida, essas ideias serão tomadas da mesma forma como os bens manufaturados são tomados, ou seja, como bens finais, cujo processo de fabricação é desconhecido - o que não deixa alternativa para a vida intelectual, mas exegese e pedido de desculpas. (MARINI, 1970, p. 160)*

Gina Zabudovsky (1994) analisou, em um livro publicado pela UNAM em

meados dos anos noventa, a sociologia contemporânea no México, onde aparecem como construtores do conhecimento sociológico, exclusivamente, autores dos países industrializados, como Jeffrey Alexander, Pierre Bourdieu, Ralf Dahrendorf, Norbert Elias, Talcott Parsons e outros. Luis F. Aguilar tenta explicar esse fenômeno, no caso da sociologia no México, da seguinte forma:

*[...] na maior parte do território ainda é observado baixa acumulação, produções que não estão ligadas entre si, não fazem qualquer referência a investigações ou produtos de outros pesquisadores mexicanos em áreas afins ou mencionam apenas o pequeno círculo de colegas da mesma opinião. Pesquisadores que, obviamente, preferem citar Habermas em alguma trivialidade e não Luis Villoro em algo substantivo. O que significa tudo isso? Que não há nenhuma acumulação sistemática na tradição de pesquisa mexicana, mas, ao contrário, há uma espécie de colonização mental que atribui um status mais elevado ao citar um autor estrangeiro do que um autor mexicano que pode ter desenvolvido o mesmo tema com igual seriedade. (AGUILAR, 1995, p. 210)*

Só quando um autor, como o economista hindu Amartya Sen, alcança o reconhecimento como prêmio Nobel, é que se torna “citável” apesar de ser oriundo do terceiro mundo. Assim, o México – igual a outras regiões periféricas da América Latina, Ásia e África – se encontra em situação desfavorável a esse respeito com a divisão internacional do trabalho para a construção do conhecimento: a criação das “grandes narrativas”, como Jean-François Lyotard (1986), aponta e as grandes teorias, as grandes linhas epistemológicas. As próprias escolas nos países centrais fazem com que a aplicação desses conhecimentos se deem na forma de estudos de caso, com coleções de histórias locais e pesquisa de campo nos países periféricos. Isto é ainda mais claro no campo tecnológico. Mark Kaplan (1979, p. 54) comentou:

*A atual divisão internacional do trabalho científico serve pouco e mal às necessidades dos países do Terceiro Mundo. A ciência contemporânea e tecnológica dos países avançados - naturais e sociais - têm características e limitações etnocêntricas. Concebidas e desenvolvidas para outros contextos e propósitos, também atuam no sentido de uma dominação e de uma exploração crescente das potências industriais do Terceiro Mundo.*

Além disso, há pouca comunicação com colegas dos países periféricos. Pode-se observar ligação frágil para a produção intelectual e pouco acesso a informações atualizadas de outros países do chamado Terceiro Mundo, que têm problemas econômicos e sociais semelhantes aos países da Latino América.



O mesmo se aplica aos intercâmbios acadêmicos, estadias de pesquisa e aos anos sabáticos, normalmente, feitos em países centrais. Com Esteban Krotz (1994, p. 249), pode-se questionar o conceito de “ciência mundial”.

Para o caso específico do ensino da Antropologia, no México, se restringe, apenas, ao que é produzido na Grã-Bretanha, França e nos Estados Unidos independentemente da produção científica de outras latitudes. O mesmo se aplica à produção editorial: livros quase todos estrangeiros de Antropologia, traduzidos no México vêm desses três países e quase todos os antropólogos mexicanos que têm doutorado no exterior obtiveram em um desses países. Além disso, órgãos do governo encarregados de outorgar bolsas de estudo de pós-graduação no exterior não consideram universidades de “excelência” fora dos três países supracitados. (Ibidem)

Se nós discutimos até agora “cover ciência” nos países latino-americanos, devemos também notar que há, em alguns “grandes” autores do “mundo da ciência”, uma tendência para projetar suas próprias teorias sobre realidades sociais de fora. Por exemplo, o sociólogo alemão Niklas Luhmann “descreve” da seguinte maneira um bairro latino-americano:

*[...] se algum de vocês já esteve em uma favela em uma cidade sul-americana, vai ter notado, imediatamente, como uma pessoa se sente lá. Como um corpo, o que se vê ao redor é uma massa formada por outros organismos. Alguns deles, aparentemente, são pessoas que desempenham um papel nos sistemas de comunicação, podem ter carreira e relações sociais, mas a grande massa da sociedade humana vive reduzida a um ‘corpo’. Estes podem ter personalidade para o outro, mas eu acho que eles fazem isso em um grau muito pequeno, principalmente, em torno de questões como a violência e sexualidade. (LUHMANN, 1994)*

Em vez dessa pobre e mecanicista descrição feita por um representante influente do funcionalismo alemão, cremos que podem surgir cientistas latino-americanos no estilo de Alex Lora que têm sido capazes de se tornar um cantor de “cover”, um verdadeiro cronista da vida urbana na Cidade do México a partir de um ponto de vista “muito daqui”, “muito de lá”.

## Referências

---

AGUILAR, Luis F. El estado actual de la investigación sociológica en México. In: LEAL Y FERNÁNDEZ, Juan Felipe et al. **Estudios de teoría e historia de la sociología en México**. México: UNAM-UAM, 1995.

CEREIJIDO, Marcelino. **Por qué no tenemos ciencia**. México: Siglo XXI, 1997.

GONZÁLEZ CASANOVA. Ciencias sociales, agenda para los próximos veinte años. In: PERLÓ COHEN, Manuel. **Las ciencias sociales en México: análisis y perspectivas**. México: UNAM-COMECSO-UAM, 1994.

- KAPLAN, Marcos. **La ciencia en la sociedad y en la política**. México: Sep Diana, 1979.
- KROTZ, Esteban. ¿Los prescindibles? Ensayo sobre las tensiones entre los científicos sociales y sus campos de actividades. In: PERLÓ COHEN, Manuel. **Las ciencias sociales en México: análisis y perspectivas**, México: UNAM-COMECSO-UAM, 1994.
- LUHMANN, Niklas. Unidad y diferenciación en la sociedad moderna. **Acta Sociológica**. México, Número 12, 1994, Septiembre-Diciembre.
- LYOTARD, Jean-François. **La condición posmoderna**. Madrid: Cátedra, 1986
- MARINI, Ruy Mauro. La sociología política. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo et al. **Sociología del desarrollo latinoamericano**. Una guía para su estudio, 1970.
- MICHELANA, Héctor Silva /SONNTAG, Heinz Rudolf. **Universidad, dependencia, revolución**. México: Siglo XXI, 1984.
- STEGER, Hanns-Albert. **Las universidades en el desarrollo social de América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1974.
- VALENZUELA, José C. Aníbal Pinto: un clásico latinoamericano. In: MARINI, Ruy Mauro y MILLÁN, MARGARA. **La teoría social latinoamericana**. Subdesarrollo y dependencia, tomo II. México: El Caballito, 1994.
- VILLEGAS, Véase Abelardo. Sobre el estudio de la filosofía latinoamericana. In: **Balances y perspectivas de los estudios latinoamericanos**. México: UNAM, 1985.
- ZABLUDOVSKY, Gina. Reflexiones en torno a la teoría sociológica en México: los nuevos retos. In: LEAL Y FERNÁNDEZ, Juan Felipe et al. **La sociología en México: perspectivas disciplinarias y nuevos desafíos**. México: UNAM, FCPyS, 1994.
- ZEMELMAN, Hugo. Los desafíos del conocimiento sociohistórico en América Latina. In: LEAL Y FERNÁNDEZ et al. **La sociología en México: perspectivas disciplinarias y nuevos desafíos**. México: UNAM, FCPyS, 1994.